

MINHA 14ª COPA DO MUNDO – UMA VIAGEM NO TEMPO ATRAVÉS DAS COPAS.

Gostando ou não de futebol, dificilmente a Copa do Mundo nos passa despercebida. Desta feita, atualizo este meu diário a cada quatro anos, fazendo um relato de minha história de percepções contraditórias, sentimentos vários, frustrações doloridas e alegrias impagáveis, marcantes, com as Copas do Mundo, possibilitando-me refazer uma viagem que teve início em 1962, com a Copa do Chile, até esta que está prestes a ocorrer, na Rússia.

Você não encontrará aqui um relato jornalístico, e sim passagens que minhas lembranças ainda permitem compartilhar. Embarque em minha viagem fazendo também a sua. Vejamos:

“Lúcia, Pelé se machucou gravemente e está fora da copa”. Meu pai ao pé do seu rádio Transglobe, informando à minha mãe o que acabara de acontecer. Isso em meados de 1962; era a primeira vez que escutava referência a uma Copa do Mundo de Futebol. Estava para completar meus cinco anos de idade, morávamos então na Rua Assis Bezerra, 310 – Bairro do Carlito Pamplona, em Fortaleza - CE.

No início do ano de 1970 nos mudamos para a Rua Joaquim Nabuco, 3245, esquina com Eduardo Bezerra, no Bairro do Dionísio Torres. Para quem conhece Fortaleza, a referência é o prédio da Embratel na Avenida Pontes Vieira. A Rua Joaquim Nabuco é hoje corredor para quem chega pelo aeroporto indo para os hotéis da Beira Mar.

No dia do primeiro jogo do Brasil na copa de 70, meu pai chegou com uma TV Philips de 24”. “Top” da época. Do rádio para uma TV; seria nesse ano que eu e minha família iríamos ver a nossa primeira copa transmitida por esta mídia tão presente hoje.

No período que antecedeu esta copa, muito se falou da interferência do então Presidente do Brasil no contexto da antiga CBD. Nos jornais, se dizia que o General Garrastazu Médici queria impor isso e aquilo. “Quero técnico tal e jogadores tais”. Hoje sabemos que realmente ele deu seus "pitacos" nesta seleção.

Os tempos eram outros e eu já com quase 13 anos e apaixonado por futebol, não entendia os porquês dessas interferências dos políticos com esse esporte. Não via a conexão. Fomos tricampeões, viva o Brasil.

Em 1974, onde o time pouco modificado, com os jogadores quatro anos mais velhos e ainda surfando na glória da conquista de 70,

usando quase sempre o segundo uniforme (camisa azul), foi um fiasco. Lembro só de Jairzinho com seu inconfundível cabelo "Black Power". E nada mais.

Algo interessante passou a me acompanhar até hoje a partir da copa de 74: eu não me envolvo mais emocionalmente com a seleção. Como a grande maioria dos brasileiros, também sou apaixonado por futebol. Frequentei semanalmente, até 1984, quando me mudei para a Ilha, a todos os jogos do Fortaleza Esporte Clube, o meu tricolor, o Leão do Pici. Fui a dois jogos da seleção Brasileira em Fortaleza.

Por inocência ou ignorância mesmo da idade, ao ver a seleção de 70 achei que seríamos sempre os melhores e por conseguinte os campeões de todas as copas do mundo. Quando em 74 me deparei agora em cores com um time sem o menor compromisso com eles mesmos e principalmente com a nossa camisa, como milhões de torcedores eu pensei: "peraí macho", me envolver emocionalmente com quem não está nem aí para mim? Negativo, o time pode perder, faz parte, porém é muito diferente quando se perde lutando até o último minuto. Com garra, determinação e principalmente respeito com eles mesmos.

Em 1978, já na faculdade de Administração, com um time um pouco melhor que o de 74, passei a entender os porquês dos emaranhados políticos com o futebol, principalmente nas copas do mundo de quatro em quatro anos. Esta foi na nossa vizinha Argentina, onde ganhamos todos os nossos jogos e não fomos campeões. Como? Me perguntaria um jovem nascido depois daquele ano. Sim, pode, o formato desta copa contemplava o saldo de gols como o primeiro critério de desempate. A Argentina, que passava por uma crise política, que no meu entendimento perdura até hoje, também não perdeu nenhuma partida e fez um saldo em cima do time do PERU que superou o nosso. Fomos campeões morais desta copa. Outra artimanha inventada por políticos para nos tapear. Campeão moral não existe.

Pela forma como a Argentina levou aquela copa, hoje vista pelas lentes da moralidade e da ética, a mesma deve incomodar e muito aos nossos Hermanos, bem como aos jogadores da seleção do Peru.

Em 1982 e 1986, eu quase me rendi novamente aos encantos da nossa seleção. Uma nova geração de craques surgira, ainda estávamos no período não democrático (sei que em 1985 assumiu o primeiro presidente eleito pelo voto direto do povo, porém, engatinhávamos na dita Democracia) e as coisas ainda eram nubladas em vários segmentos de nosso país.

Duas grandes decepções seguidas foram para nós às copas de 82 e 86. Concordo com os que dizem que estas foram as duas melhores

seleções que já tivemos. Mas não ganhamos por falta de brilho dos nossos excelentes jogadores. Uma geração que dentre vários tinha Toninho Cerezo, Falcão, Sócrates e Zico.

Por conta disso não lembro nem onde foi a copa de 1990, sei que seguimos medíocres, eu não mais me abalava, estava vacinado contra um potencial desgaste emocional por conta de nossa seleção.

Foi nos Estados Unidos a copa de 1994, e o que me marcou nela não foi o fato de termos ganho nossa quarta estrela no escudo. "É tetra, é tetra" gritava feito louco o Galvão Bueno quando ganhamos dos Italianos nos pênaltis. O que me marcou foi o fato de quase não termos ido a esse campeonato. Estávamos dependendo de vitórias nas duas partidas finais para nosso time se classificar nas eliminatórias. Acontece que o melhor jogador da época não estava participando dessas partidas classificatórias, pois as classificações são realizadas no ano anterior à dita copa. Simplesmente ele não fazia parte do time, e havia mais política por trás disso. Acontece que na "hora da onça beber água" chamaram o baixinho Romário.

Para sorte nossa e competência dele, na partida final desta classificação, que foi contra o Uruguai no Maracanã, Romário deu um show particular e nos classificamos por 2 x 1 em cima dos aguerridos uruguaios. Por conta mais uma vez de politicagem e futricas, poderíamos nem ter ido à copa de 1994.

Vieram as copas de 1998, 2002, 2006 e 2010, ganhamos mais uma, em 2002, mas esta seleção não ganhou mais meu coração. Aos cinquenta e seis anos de idade, vou acompanhar pela televisão mais uma Copa do Mundo de Futebol. Juro que tentei separar futebol de política e de economia. Por Deus tentei encontrar uma só razão que justificasse a vinda deste megaevento para o Brasil, com a construção de doze arenas de esportes com muito dinheiro público, que poderia ter sido aplicado, por exemplo, em saúde, educação, segurança ou infraestrutura, mas não em doze "elefantes brancos".

O elemento político se encontra muito presente nesta copa; a situação quer a vitória a qualquer custo. Tenho lembrado muito da copa de 1978 na Argentina, cujo viés político deu no que deu. Para os da oposição será um prato cheio se perdemos, pois não faltarão argumentos para atacar a situação.

Se isso não é política na sua essência dentro de um esporte, que deveria ser de puro lazer, não sei o que é. O que estou vendo são os interesses econômicos e políticos disputando engalfinhados, e com tanta sede, que não está sobrando nada para eu ver MINHA 13ª COPA.

Hoje, passada a copa de 2014, onde muitos choraram os 7x1 aplicados pelo time alemão à nossa medíocre seleção, em pleno Mineirão lotado, eu estava de coração lacrado, onde a frustração, por esse motivo, não entraria nunca mais. Os argentinos, mesmo perdendo por 1x0 na final para a Alemanha, demonstraram, entre outras coisas, a garra argentina e que a Alemanha não era esse bicho papão todo, nós é que fomos incompetentes. Ponto.

Coincidência ou não, a chegada do Tite ao comando da canarinha deu novo ânimo e esperança aos torcedores brasileiros. Fizeram uma excelente fase eliminatória e parecem confiantes para resgatar na Rússia a nossa perdida reputação de melhores do mundo no futebol.

Estou pronto para minha 14ª Copa do Mundo, desejando sucesso à nossa canarinha, aos organizadores deste evento ímpar e a aos milhões de torcedores nos quatro cantos do mundo. Que venha a "FIFA WORLD CUP RÚSSIA 2018".

Por: Adm. JOSÉ PEREIRA DE OLIVEIRA FILHO CRA 0296 MA

Dedico este texto ao meu sobrinho João Ricardo, que aos sete anos viverá as emoções de sua primeira Copa do Mundo.